

## **APRESENTAÇÃO: LEITURAS DISCURSIVAS**

Com a proposta de reunir artigos que abordassem objetos discursivos circunscritos em campos diversos da linguagem, extrapolando as fronteiras do verbal, tocando as margens do não-dito e expondo diferentes cenários metodológicos e analíticos no interior das teorias do discurso, este dossiê apresenta abordagens múltiplas dos usos significativos das linguagens. Os trabalhos que compõem este número da revista Porto das Letras discutem temáticas voltadas para o corpo, para o espaço, para o som, para a imagem fixa e em movimento e para a própria constituição das leituras semióticas e discursivas em sua responsabilidade filosófica e científica. Nesse sentido, o tratamento dos objetos de expressão discursiva, em diferentes âmbitos, compõe um mosaico de objetos operadores de interpretações heterogêneas em suas regularidades, em suas irregularidades e em suas derivas como possíveis materialidades semióticas em (dis)curso.

Abre a edição uma entrevista concedida especialmente para este dossiê, na qual Augusto Ponzio, reconhecido mundialmente como eminente filósofo da linguagem, brinda-nos com sua vivência e erudição ao abordar a história da semiótica ocidental e em que ponto ela se coloca hoje na sua responsabilidade. Nas palavras do pensador italiano, “O homem tem essa característica, que é a de ser capaz de usar os signos sobre os signos. Essa capacidade o torna diverso dos outros seres vivos, e o torna responsável: responsável por tudo aquilo que tem vida. Responsável por tudo aquilo que acontece neste planeta.” [...] “Agora, a Semioética tem uma dupla responsabilidade, porque já como humanos somos responsáveis pelo planeta, mas o semiótico e, portanto, aquele tem uma consciência maior enquanto tal de como estão as coisas, tem maior responsabilidade.” Ao compreender a filosofia como ciência rigorosa, Ponzio defende que a leitura semiótica ou discursiva deva recuperar sua origem filosófica, no sentido de tomar posição, de colocar em discussão as ciências do lucro, de realizar a crítica desde as pequenas coisas, mas sem se limitar à semiótica das coisas particulares. Sobretudo, empenhar-se de maneira forte e clara para o bem da vida em sua interconexão universal.

No artigo **Análise de enunciados de atividades em livro didático de língua portuguesa: uma abordagem cognitivo-funcional**, Warlete Cristina de Oliveira reflete sobre a maneira como as orações subordinadas adverbiais são abordadas em materiais

didáticos para o 9º ano do Ensino Fundamental. Analisando os dados a partir da perspectiva cognitivo-funcional, a autora observou como a gramática é tratada nas atividades, se apenas no nível de classificação e em exercícios de metalinguagem ou se leva os alunos a uma reflexão sobre o uso efetivo da língua, considerando o texto, o contexto de sua produção e seus propósitos enunciativos. A análise demonstrou que os livros didáticos ainda privilegiam a gramática que nomeia e classifica, considerando apenas no nível sintático.

Roberto Lima Sales, Ernani Cesar de Freitas e Ernani Mügge, no artigo, **Cantar e rimar imagens de si: cenografia e ethos em narrativas rap de Emicida**, investigam a constituição da cenografia e do ethos discursivo, enquanto imagens de si, na narrativa da canção Triunfo. Os autores demonstram que as cenas de enunciação criadas se situam no campo discursivo marginal, cujo enunciador faz uso do tom de protesto e de crítica social e se apropria do imaginário do sujeito marginalizado, negro, poeta do rap, oriundo da periferia urbana, para conferir discursivamente uma imagem positiva de si e apresentar um ethos investido de liderança, credibilidade, empoderamento, insurgência e idoneidade, em contraposição à visão opressora que procura silenciar sua voz e neutralizar sua identidade.

Em **Deslocamentos possíveis no discurso pedagógico metálico em ensino remoto na EJA**, João Batista da Silva Goulart e Sita Mara Lopes Sant'Anna investigam práticas de estágio docente ocorridas durante o Ensino Remoto Emergencial mediado pelas Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC), em uma turma da Educação de Jovens e Adultos (EJA) de um Centro de Educação de Trabalhadores, no Rio Grande do Sul, no ano de 2021, período marcado pela pandemia mundial de Covid 19. Os autores refletem sobre os possíveis deslocamentos do Discurso Pedagógico (DP) no ambiente mediado pelas TDICS, denominado Discurso Pedagógico Metálico (DPM). A partir da análise de fragmentos de fala extraídos de sequências didáticas que representam a interação professor-estagiário e estudantes, realizada no ambiente remoto, os autores observaram que os sujeitos da pesquisa ocuparam lugares de dizer e posições enunciativas que os inscreveram no DP e os incluíram, ora passivamente, ora ativamente, às tecnologias digitais, diante de um ambiente virtual de aprendizagem e ensino que é agenciado. Como tal, os autores observaram, também, mobilizações que trouxeram à tona possíveis efeitos de sentidos acerca daquilo que se denomina DPM.

No artigo, **Notícias de cá no mundo de lá: uma análise discursiva de materialidades jornalísticas sobre a imagem do Brasil na imprensa internacional durante a pandemia de covid-19**, Vinicius Costa Araújo Lira e Francisco Vieira da Silva analisam materialidades jornalísticas que circularam no Brasil sobre a imagem criada pela imprensa internacional acerca do país no decurso da pandemia de covid-19. A partir da análise, os autores constataram que o modo como o país, corporificado na figura da gestão federal, lidou com a pandemia fez com que a imprensa internacional construísse discursos desabonadores sobre o país, ameaçando relações geopolíticas e comerciais do Brasil com o resto do mundo.

**João e Maria e Maria e João: a atualização de sentidos no encontro com a bruxa** investiga uma rede de dizeres sobre a mulher. Sabrina Glória de Jesus, Damião Francisco Boucher e Thiago Barbosa Soares analisam o filme *Maria e João: o conto das bruxas* (PERKINS, 2020) e observam as estabilizações e as derivas semânticas que atualizam os sentidos de “mulher”. Através da análise, compreendem rupturas discursivas e como a reconfiguração da estrutura sintagmática ‘Maria e João’ denuncia não somente a recursividade sintático-semântica, mas também a mudança das projeções discursivas que compõem o imaginário sobre o papel feminino.

A partir da observação de postagens veiculadas em perfis da rede Twitter sobre a derrubada da decisão conhecida como ‘Roe contra Wade’, pela Suprema Corte dos Estados Unidos, em junho de 2022, a regularização do aborto é discutida em **Nos caminhos do digital, formações discursivas e(m) tecnodiscursos: uma análise de postagens no twitter sobre a legalização do aborto**. Aline Cristina Flávio da Silva e Michele Aparecida Pereira Lopes observam em suas análises que nas postagens do Twitter têm sido entextualizados e indexicalizados discursos que agrupam formações discursivas, mantendo conflitos por meio da polarização discursiva em prol de sua verdade. Como resultados demonstram que um leitor sem criticidade acaba produzindo e reproduzindo conteúdos e discursos de ódio sem perceber que as postagens o conduzem por recursos da rede que direcionam ações dos leitores, tais como a deslinearização e a relacionalidade.

Marisol Barenco de Mello e Marina Santi, no ensaio **Sign e (de)sign: é possível uma semiótica do espaço escolar?**, discutem criticamente as condições teóricas e filosóficas para uma abordagem semiótica do espaço escolar. A partir de uma semiótica axiologicamente orientada e considerando as relações entre linguagem, cultura e

processos formativos, as autoras discutem a perspectiva semiótica que assumem e apresentam as possibilidades da leitura e design crítico de ambientes educacionais. A partir de uma experiência de discussão crítica no curso *Magistrale de Design de Ambientes Educacionais*, na *Università degli Studi di Padova*, no primeiro semestre do ano letivo italiano 2022/23, as autoras apresentam a semiótica do espaço escolar realizada por estudantes e professoras em diálogo, defendendo os princípios dessa área de pensamento e prática em pleno desenvolvimento. As autoras defendem que essa perspectiva semiótica deve tomar cena nos trabalhos pedagógicos nas escolas e na formação inicial e continuada de professoras e profissionais responsáveis pelas configurações dos espaços educacionais.

No artigo **Frágil... Quem? O corpo e a mulheridade na capoeira**, Kátia Linhaus de Oliveira analisa os discursos de abordagem biomédica como parte da justificativa que restringe o acesso das mulheres às posições de maior autoridade e prestígio na capoeira. Observa a autora que a naturalização da perspectiva biológica atua na criação e na manutenção dos estereótipos femininos e das relações de poder, bem como favorece ao cenário em que a capoeira é vinculada a um universo masculino, onde majoritariamente são os homens que ocupam as posições de destaque. A autora compreende, ainda, que, para questionar os princípios dessa lógica moderna e ocidental, baseada em uma sociedade patriarcal e machista, é relevante recordar o vínculo da capoeira com a sua herança afro-brasileira e com sua história de luta e resistência.

Em **A representação da igualdade de gênero nas capas de livros infantis do clube de assinatura Minha Pequena Feminista sob o foco da GDV**, Jaíne Reis Martins e Flaviane Carvalho analisam, a partir dos recursos semióticos multimodais configurados, como a igualdade de gênero é representada nas capas de livros infantis do clube *Minha Pequena Feminista*. Adotando como categorias de análise as metafunções visuais propostas pela gramática do design visual, precisamente os significados representacionais e interativos, apontam como resultados uma tendência em transgredir padrões imagéticos machistas de representação de meninas. Observam as autoras a representação de personagens envolvidas em atividades intelectuais e sociais e não aquelas do cuidar de bonecas e de executar tarefas domésticas, bem como a ausência da predominância da cor rosa em suas vestimentas.

Em **Exercício de análise arquitetônica/bakhtiniana: conteúdo da música na educação**, Liana Arrais Serodio produz uma análise arquitetônica de uma obra musical.

A autora parte do pressuposto de que os valores humanos podem ser reconhecidos na escuta (pensamento musical, abdutivo-indutivo) e nomeados verbalmente (pensamento verbal, indutivo-dedutivo), graças à capacidade de linguagem ou jogo de fantasiar ao lidar com signos e linguagens. Assim, demonstra que na linguagem musical (tomando música instrumental) cuja arte é livre conceitualmente, os heróis são os movimentos sonoros no tempo e espaço de tensões e atrações acústico-rítmico-harmônicas lineares-horizontais e simultâneas-verticais percebidas no material extraestético como emoções-volições da vida enformada esteticamente pelo autor-criador que também é autor-contemplador. De tal modo, a autora defende que a análise acerca dos conteúdos da música contribui com os discursos, suas formas, seus valores/conteúdos no material verbal que pode instigar a escuta musical, além de uma boa discussão para o ensino e valorização (do papel) da música na escola.

**Migração, sujeito e espaço digital: marcas de (re)existência na língua do outro** aborda a constituição de subjetividades de estrangeiros que se alocaram no Brasil e tornaram-se ‘empreendedores’ por precisar encontrar formas de sobreviver em um cenário socioeconômico neoliberal. Laura Bucholz e Marluza da Rosa analisam recortes extraídos de perfis no Instagram de empresas lideradas por refugiados, problematizando de que forma os sujeitos migrantes se (ins)escrevem na sociedade brasileira a partir das materialidades discursivas encontradas nos perfis e como esses sujeitos se constituem no espaço digital através da língua (portuguesa). As autoras concluem que os sujeitos usam esse espaço como forma de (re)existência, deixando sua marca na língua do outro.

No artigo **A biopolítica na regulação subjetiva pelo discurso materno: os efeitos do governo do corpo feminino da protagonista na minissérie Maid**, Gabriela Magalhães Sabino e Luana Alves Luterman analisam os enunciados da personagem principal da minissérie a respeito da regulação subjetiva pelo discurso materno. Observam as autoras que as práticas anátomo-políticas do corpo pelos biopoderes com efeitos individuais homogeneizantes e a biopolítica que permeia as populações vão chancelar a regulação subjetiva da protagonista, clivando Alex pelas violências psicológicas representadas pelas instituições família e Estado. Assim, indagam como o biopoder e a biopolítica operam técnicas de subjetivação por meio de vontades de verdade para normalizar a instituição da família tradicional e conservadora, cuja tônica é patriarcal. Como resultados, constatam que o corpo feminino é clivado por

preconceitos e estigmas sociais socio-historicamente, dados os efeitos de normalização discursiva que preconizam como podem e devem ser as condutas das esposas e mães.

**O Cavalo de Turim (2011): uma leitura semiótica do cinema em bases bakhtinianas** narra um episódio de leitura realizado no Grupo de Estudos e Pesquisas Bakhtinianas ATOS-UFF, tomando como material textual o filme O cavalo de Turim (2011). Márcia Concencio, Denise Lima e Angélica Duarte compreendem o processo de criação do autor a partir dos princípios do ‘autor contemplador’, que, em ‘compreensão respondente’, em cotejo com outros textos, responde ao filme com o olhar da vida, neste caso, a vida da pesquisa nas escolas. As autoras partem do pressuposto de que todo conteúdo da obra de arte é ético, cognitivo e axiologicamente afirmado pelo autor através do material e da forma, de modo que na interação com uma obra, nós a contemplamos esteticamente e podemos acessá-la, senti-la e realizá-la em cotejo com as plurilinguagens e múltiplas vozes presentes no mundo.

Em **Mapas vivenciais e espacialização da vida**, Jader Janer Moreira Lopes e Bruno Muniz Figueiredo Costa abordam os mapas vivenciais como um gênero de linguagem, na busca pela compreensão da criação e autorias infantis. Os autores assumem a vivência espacial como centralidade da vida humana e defendem que não é possível compreender as crianças e suas infâncias desconsiderando sua condição ativa na produção do espaço geográfico.

Já no artigo **Mapear o indizível: experiências para uma discursividade outra do espaço**, Daniel Gaivota Contage e José María Taramona-Trigoso apresentam uma perspectiva de mapeamento, no sentido de uma semiótica do espaço, como possibilidade de forma de escritura discursiva. Opondo-se a concepções utilitaristas de mapa que permeiam o discurso pedagógico e literário, e assumindo uma relação entre mapear e caminhar, os autores apresentam experiências de mapeamento realizadas e coordenadas por eles num curso de formação de professoras em Lima, Peru, e em uma disciplina de pós-graduação em Padova, Itália. A partir disso, defendem o mapeamento ou a semiótica dos espaços como uma possibilidade de exercício de produção de discurso atenta mais àquilo que está invisível e menor nos espaços e campos do que àquilo que somos levados a observar pelas forças hegemônicas de visibilização.

Em **Placas informativas de advertência com o cão bravo: aviso de insegurança**, Carlos Alberto Turati investiga um discurso sobre o cão de guarda no Brasil, analisando como se constitui a identificação do sujeito com uma ou outra raça e

a determinação de preferências e relações. O autor identifica que a preferência, na atualidade, pelas raças de cães potencialmente mais perigosas decorre de uma convergência do discurso sobre o cão de guarda com o discurso armamentista da sociedade civil, a partir da relação com uma rede discursiva que diz sobre a violência e a insegurança como consequência da falência do estado de segurança.

No artigo **Gestos de silenciamento e autoria no livro didático do ensino médio da área de linguagens: uma leitura de arquivo**, João de Deus Leite, Andreia Nascimento Carmo, Nilsa Brito Ribeiro analisam o modo como uma notícia oriunda da formação discursiva jornalística foi reacomodada no âmbito da formação discursiva pedagógica, tendo por enfoque o livro didático do Ensino Médio da área da Linguagens. Destacam os autores que a (re)formulação desse texto no domínio discursivo pedagógico é instituída a partir do apagamento de determinados recortes textuais no fio intradiscursivo. Ao abordarem a produção do arquivo constitutivo do livro didático, levando em conta a sua inscrição no interior dos Aparelhos Ideológicos, evidenciam que na passagem de uma formação discursiva para a outra os efeitos de sentido produzidos são distintos, e, a partir dos mecanismos de apagamento, interditam-se as discursividades não filiadas à formação discursiva pedagógica.

Em **As escritas, o gênero e a distribuição da agência no dispositivo banheiro público da Universidade Federal de Santa Catarina**, Atilio Butturi Junior, Bárbara Grapes Flores e João Rio dos Santos analisam escritas dos banheiros da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), tendo em vista a produção dos escritos como parte da produção de um masculino e de um feminino no interior do que chamam de dispositivo banheiro público. Os autores observam que as escritas de banheiro são parte de uma ecologia discursiva na qual estão em associação agentes humanos – como sujeitos gendrados e racializados – e agentes não-humanos, como a arquitetura e até mesmo fluidos corporais. Em suas análises, mostram que há uma produção diferencial nos banheiros masculinos e femininos, que diz respeito sobretudo às estratégias e à visibilização da sexualidade e da política. Por fim, concluem que há uma permanência de certas práticas discursivas gendradas, de modo geral, ainda que possam ser notados alguns deslocamentos.

Flávia Miller Naethe Motta e Iara Maravalha Freire, no artigo **“Mano como assim” a produção infantil na era da linguagem midiática: o que dizem as crianças nos aplicativos TikTok e Instagram**, apresentam análises ensaísticas de um estudo em

realização com crianças nas redes sociais, em especial nos aplicativos do TikTok e Instagram. Com o objetivo de conhecer o que dizem em suas produções audiovisuais, ao postarem seus vídeos nas redes sociais, as autoras observam que as crianças estão enunciando de forma ativa, autoral e colaborativa, tendo seus modos de dizer alterados pelos artefatos digitais oferecidos pelos aplicativos referidos. Nesse ato de elaboração de suas postagens, as crianças deixam de ser apenas consumidoras e assumem o lugar de produtoras de conteúdo, brincando, enunciando, se apropriando e produzindo cultura. De tal modo, concluem as autoras, nessa intrínseca relação com a cibercultura, reluz uma nova forma de ser criança na contemporaneidade.

Por fim, na seção resenha, Daniela Ribeiro Dias apresenta a obra **Novas fronteiras em Análises do Discurso: objetos outros**, organizada por Thiago Barbosa Soares, Mônica Da Silva Cruz e Roselene de Fatima Coito, publicada pela Pontes Editores em 2021.

Apresentados os trabalhos que compõem esta edição da Porto das Letras, desejamos ao leitor uma proveitosa leitura. Consideramos que a proposta foi muito bem contemplada pela qualidade das reflexões, das abordagens e dos resultados alcançados em cada trabalho. Em seu conjunto, os trabalhos oferecem ao leitor uma visão múltipla do desenvolvimento das teorias do discurso, da semiótica e da potencialidade das leituras discursivas quanto à tomada de posição filosófica em relação à vida de forma geral e, particularmente, a vida em sociedade. No rigor apresentado no tratamento dos variados objetos discursivos aqui examinados, vamos ao encontro de Augusto Ponzio, para uma ciência não indiferente, mas interessada, engajada na reflexão consistente para a compreensão, a crítica e o enfretamento às injustiças, às desigualdades, e formas de aviltamento da vida.

Com muita alegria expressamos às autoras e aos autores nossa satisfação. Nosso agradecimento especial a cada uma, a cada um.

Carlos Alberto Turati  
Marisol Barenco de Mello  
Thiago Barbosa Soares